

AUDIOVIDEOGRAFIA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES: UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DO 6º ANO DE ESCOLARIDADE EM ÁREA DE PROJECTO E FORMAÇÃO CÍVICA.

Maria José Rodrigues da Cunha Ferreira
Universidade do Minho
mjcfer.maria@gmail.com
Lia Raquel Oliveira
Universidade do Minho
lia@iep.uminho.pt

Resumo

O trabalho de investigação aqui apresentado tem como objectivo estudar e, se possível, tentar demonstrar que a audiovideografia na perspectiva de 'vídeo-educativo na 1ª pessoa' pode constituir uma ajuda importante para a aprendizagem do aluno, sobretudo na tomada de consciência da sua identidade e nos processos de auto-regulação. Parece-nos que, se ao aluno for permitido ter um papel activo, criativo, participativo, interactivo com o mundo circundante, a aprendizagem se tornará mais atraente, mais cativante e logo mais fluente. As tecnologias, se usadas no ensino adequadamente, poderão contribuir para este investimento dos alunos no seu próprio, individual e único processo de aprendizagem. Ao estudante dá-se, por norma, mais daquilo que ele não quer. O problema não reside na falta de acréscimo da carga horária em cada disciplina mas nas estratégias de ensino utilizada para ensinar, nos meios a que se recorre e na inovação.

Palavras-Chave: Cinema educativo, vídeo-educativo, podcast video, identidade, auto-regulação, educação para os media, motivação.

Abstract

The goal of this investigation is to study and, if possible, try to demonstrate that audiovideography seen as 'educational video in the first person', can constitute an important aid for learning, specially in making sense of identity and in the processes of self-regulation. It seems to us that, if the student is allowed to have an active role, creative, participative, interacting with the surrounding world, learning will soon become more attractive, captivate and consequently more fluent. The technologies, if used adequately in education, will be able to contribute for this investment of the student in its proper, individual and unique process of learning. Usually, we give students a lot of what they don't want. The problem stands not in the lack of time devoted to the disciplines but in the educational strategies used to teach, in the resources used and in innovation.

Keywords: educational cinema, educational video, podcast video, identity, self-regulation, media education, motivation.

1 Introdução

Os nossos alunos são hoje uma geração impregnada de ‘cultura mediática’ principalmente a televisiva. Manifestam-se insatisfeitos quando deparam com uma escola que pratica uma ‘cultura’ e um ‘saber’ centrado no livro e no discurso verbal expositivo. Parece-nos urgente que se perceba a importância de construir um ensino ligado à vida social dos alunos.

Para tentar dar resposta ao problema apresentado propõe-se uma investigação usando como estratégia a audiovideografia como meio de expressão. Pretende-se usar as tecnologias self-media da audiovideografia como auxiliar de aprendizagem de modo a que os alunos passem de espectadores a produtores. Ou seja, usar “o cinema criado pelos estudantes enquanto actividade de apreensão/compreensão e construção do mundo, dos outros e de si próprios” (Oliveira, 2008).

2 Problemática

A nova geração escolar procura na escola um espaço de aprendizagem com novas formas de comunicação. Estes alunos, habituados a aprender através de todos os sentidos, manifestam-se insatisfeitos perante uma escola que ainda não acompanha a evolução tecnológica a que a sociedade os habituou.

A mudança é urgente no que diz respeito aos objectivos e aos métodos de ensino. A "Geração Net" (Oblinger e Oblinger, 2005) emerge de um ambiente interactivo e “conectivo” (Siemens, 2004). Gerada na era digital, está constantemente a interagir através da internet, telemóveis, televisão interactiva e todo o tipo de *gadgets* electrónicos, a nova versão dos designados “self media” cunhados por Jean Cloutier (1975).

Emerge aqui um novo educador que fomenta um ensino bilateral em que o aluno, como nativo-digital (Prensky, 2001), pode ensinar através das suas opiniões, sugestões para solucionar problemas, através do fórum mediatizado, enfim da partilha.

Com o uso das tecnologias podemos aumentar a motivação e promover a auto-regulação. No termo auto-regulação da aprendizagem, o prefixo ‘auto’ acentua o papel investido do sujeito no seu processo de aprendizagem – descreve aprendizagens que envolvem agência, trabalho autónomo, motivação intrínseca e estratégias de acção (Boekarts e Corno, 2005; Dembo e Eaton, 2000; Rosário, 2004b; Zimmerman, 2002).

Acreditamos, como Geneviève Jacquinet (1998), que a ideia de um aluno activo, no centro da aprendizagem, uma aprendizagem pelo fazer como construção de significados, pode constituir um passo importante na aquisição e consolidação dos conteúdos programáticos.

3 Questões e objectivos

Nestes pressupostos, colocamos a seguinte questão: A criação, por adolescentes, de pequenos filmes (audiovideografia), sobre si próprios e sobre o seu mundo, contribui para a construção e afirmação da sua identidade de forma positiva?

Assim, temos como objectivos: contribuir para uma consciência crítica dos alunos relativamente à sua identidade, sensibilizando, simultaneamente, para as identidades alheias; motivar os alunos para uma vivência positiva da escolaridade, fomentando o seu desejo de aprender e o seu empenhamento nas actividades; proporcionar uma aproximação das linguagens usadas na escola às linguagens usadas fora da escola; promover a cidadania, através da aprendizagem da linguagem audiovisual, associando, assim, uma educação para os media a uma educação com os media e, por fim, proporcionar o desenvolvimento de destrezas informáticas off-line e on-line.

4. Metodologia

A opção metodológica para esta investigação é o estudo de caso de observação (Bogdan e Biklen, 1994), partindo do princípio que será feita uma análise do comportamento de um grupo de alunos usando a tecnologia do vídeo para chegar a uma auto-regulação da aprendizagem através de uma experiência de “cinema na 1ª pessoa”.

Através do método de resolução de problemas e do método de projecto (Kilpatrick, 2007), implementados de forma colaborativa, é possível conseguir um ensino no qual o aluno pode ser o grande sujeito da sua própria aprendizagem.

O tema a ser trabalhado nas Áreas Curriculares Não Disciplinares, foca essencialmente a temática da identidade e o método de trabalho incidirá no processo de auto-regulação para a construção de um registo auto-biográfico em audiovisual digital.

A prática da arte cinematográfica “desenvolve competências fundamentais (conceptuais e instrumentais) no âmbito das novas literacias e permite, simultaneamente, uma pedagogia crítica” (Oliveira, 2008). Neste sentido propõe-se a criação de vídeos autobiográficos com os alunos no sentido de verificar até que ponto este processo de reflexão contribui para a

construção e afirmação da identidade. Paralelamente desenvolver-se-á um processo de observação desde o primeiro momento de criação da autobiografia até ao relato na primeira pessoa da mesma com registo e posterior exibição pública.

Investigação de natureza qualitativa onde o investigador está inserido no ambiente onde decorrem as situações. As acções serão observadas no seu ambiente habitual de ocorrência e registada a evolução do percurso da investigação por forma a perceber as questões mais importantes do desenvolvimento da questão principal.

Com este trabalho, designado por vídeo-processo¹ os alunos, perante um tema (autobiografia), planificarão o caminho para a construção de um filme (de mais ou menos 3 minutos) sobre si próprios. Passarão pela construção dos guiões, sinopses e argumentos, storyboards, montagem num software de edição digital e, por fim, farão uma avaliação crítica do produto e do processo.

Ao longo do processo serão observadas e registadas, atitudes, interesses, motivação, autonomia, interacção, colaboração no trabalho, capacidades de destreza e de auto-regulação, dinamismo e capacidade comunicativa dos alunos.

Constituirá um estudo de caso de tipo *instrumental*, na proposta de Stake (1995, citado por Coutinho, 2005), por funcionar como instrumento de compreensão para outros fenómenos.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), este estudo poderá inserir-se num estudo de caso múltiplo na medida em que os seus resultados poderão despoletar outros estudos. No entanto, não comparativo por não se procurar a generalização mas sim uma investigação do conhecimento aprofundado do fenómeno, daí a utilização de um número reduzido de sujeitos.

Os videogramas produzidos serão objecto de análise de conteúdo mediante o uso de grelhas a construir para o efeito.

4.1 Participantes e enquadramento curricular

A investigação ocorre na Escola E.B. 2/3 de Nogueira – Braga, com alunos do 6º ano de escolaridade, de idades compreendidas entre os 10 e 12 anos, 26 raparigas e 21 rapazes.

1 O vídeo-processo, também denominado por Moran (1993) de “vídeo como produção”, é uma modalidade em que a câmara de vídeo proporciona uma aprendizagem em que os alunos são os criadores, participam activamente do processo, ou seja, o vídeo é produzido pelos alunos, para posterior análise das actividades.

processo de auto-regulação da aprendizagem. Este processo pode ser estimulado em três vectores: indirectamente através da experiência pessoal, directamente através da instrução e como produto da prática intencionada. (Rosário et all, 2007).

Em interdisciplinaridade, são realizados na disciplina de Língua Portuguesa, textos autobiográficos. Na disciplina de EVT são realizados desenhos em sequências fragmentadas (storyboard), por forma a desenvolver e planificar todo o trabalho que será feito posteriormente em vídeo.

Nas aulas de Área de Projecto, os alunos produzem um vídeo do tipo documentário na 1ª pessoa.

5 Resultados esperados

Espera-se um aumento de autonomia e uma melhor auto-regulação da aprendizagem dos alunos assim como um aumento do à-vontade em situação de relato em público.

A comunicação audiovisual e o uso das tecnologias informáticas de rede são, à partida, potenciais transformadores da identidade dos jovens. Um exemplo disto é a enorme projecção do YouTube. A atracção que o audiovisual tem nos jovens, influenciam a forma como se vêem, como querem ser vistos, enfim como se identificam perante a sociedade dos seus relacionamentos. Por tudo isto, urge uma apropriação destas ferramentas por parte da escola por forma a permitir uma construção da aprendizagem na linguagem dos alunos de hoje. Esperamos poder verificar que a escola passou a ser para estes jovens um espaço mais agradável, gratificante e de aprendizagem auto-motivada.

Referências

- Boekaerts, M. & Corno, L. (2005). Self regulation in the classroom: A perspective on assessment and intervention. *Applied Psychology: an international review*, 54 (82), 199-231.
- Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Cloutier, J. (1975). *A Era de Emerec ou a Comunicação Audio-scripto-visual na hora dos self-media*. Lisboa: ITE /MEIC.
- Coutinho, C. (2005). *Percursos da Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal: uma abordagem temática e metodológica a publicações científicas (1985-2000)*. Braga: Universidade do Minho.
- Dembo, M. H., & Eaton, M. J. (2000). Self-Regulation of Academic Learning in Middle-Level Schools. *Elementary School Journal*, 5, 473-490.

Jacquinet-Delaunay, G. (1998). Du cinéma éducateur aux plisirs interactifs: rives et dérives cognitives. In Beau-Dubois-Le Blanc (Ss Dir.) Cinéma et Dernières Technologies. Bry-Sur-Marne: INA/De Boeck.

Kilpatrick, W. (2007). O Método de Projecto. Mangualde: Edições Pedagogo.

Moran, J. M. (1993). Leituras dos Meios de Comunicação. São Paulo, Ed. Pancast.

Oblinger, D. G. & Oblinger, J. L. (Eds.) (2005). Educating the Net Generation. Educause. e-Book. Acedido em Janeiro 17, 2009, de <http://www.educause.edu/educatingthenetgen/>.

Oliveira, L. R. (2008). Cinema educativo e construção de identidades. Comunicação apresentada na Conferência IVSA 2008, Buenos Aires, Argentina em Agosto de 2008 (documento digital reservado)

Prensky, M. (2001 October 2001). Digital Natives, Digital Immigrants. On the Horizon. Vol.9, no.5.. Acedido em Janeiro 17, 2009 de <http://www.marcprensky.com/writing/>

Rosário, P.; Núñez, J.; Pienda, J. (2007) Auto-regulação em crianças sub-10: Projecto Sarilhos do Amarelo. Porto: Porto Editora.

Siemens, G. (2004). Connectivism: A Learning Theory for the Digital Age. Acedido em Janeiro 17, 2009, de <http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism.htm>

Zimmerman, B. J. (2002). Becoming a self-regulated learner: An overview. Theory into practice, 41 (2), 64-70.

Nota: Este trabalho integra-se no Projecto Colectivo DesignDem2 - Design de Dispositivos de Educação Mediatizada: processos, ambientes e objectos de aprendizagem (PC11-LIII-2008), CIEd.